



O túmulo de D. Luís da Silveira em Góis

Gabriel Pereira | CEAACP - Universidade de Coimbra



Fig. 1 - Túmulo de D. Luís da Silveira (1531).

O túmulo de D. Luís da Silveira (Figura 1), presente na capela-mor da igreja matriz de Góis, é importante exemplar da produção escultórica no raio de influência da cidade de Coimbra e da utilização do calcário extraído nas pedreiras de Ançã e Portunhos.

Seguindo o testamento de D. Luís da Silveira e o contrato que este realizou com Diogo de Castilho em 1529, o último coordenaria a reformulação da igreja matriz e a construção dos paços de Góis, permanecendo incerta a atribuição para o desenho do túmulo. A capela-mor da igreja consiste numa estrutura sóbria, com uma abóbada nervurada e onde apenas o conjunto das chaves se destaca pela qualidade escultórica (Figura 2). O desenho da abóbada não é mais que uma versão simplificada da que suporta o coro-alto do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (Figura 3) (num modelo que o arquiteto repetiria noutros espaços) existindo mesmo duas chaves com a mesma representação masculina (uma identificada como Holofernes e indiciando a imposição de um programa iconográfico coeso), ainda que a de Góis não tenha sido policromada nem polida, pelo que permanecem bem visíveis as marcas do cinzel (Figuras 4 e 5).

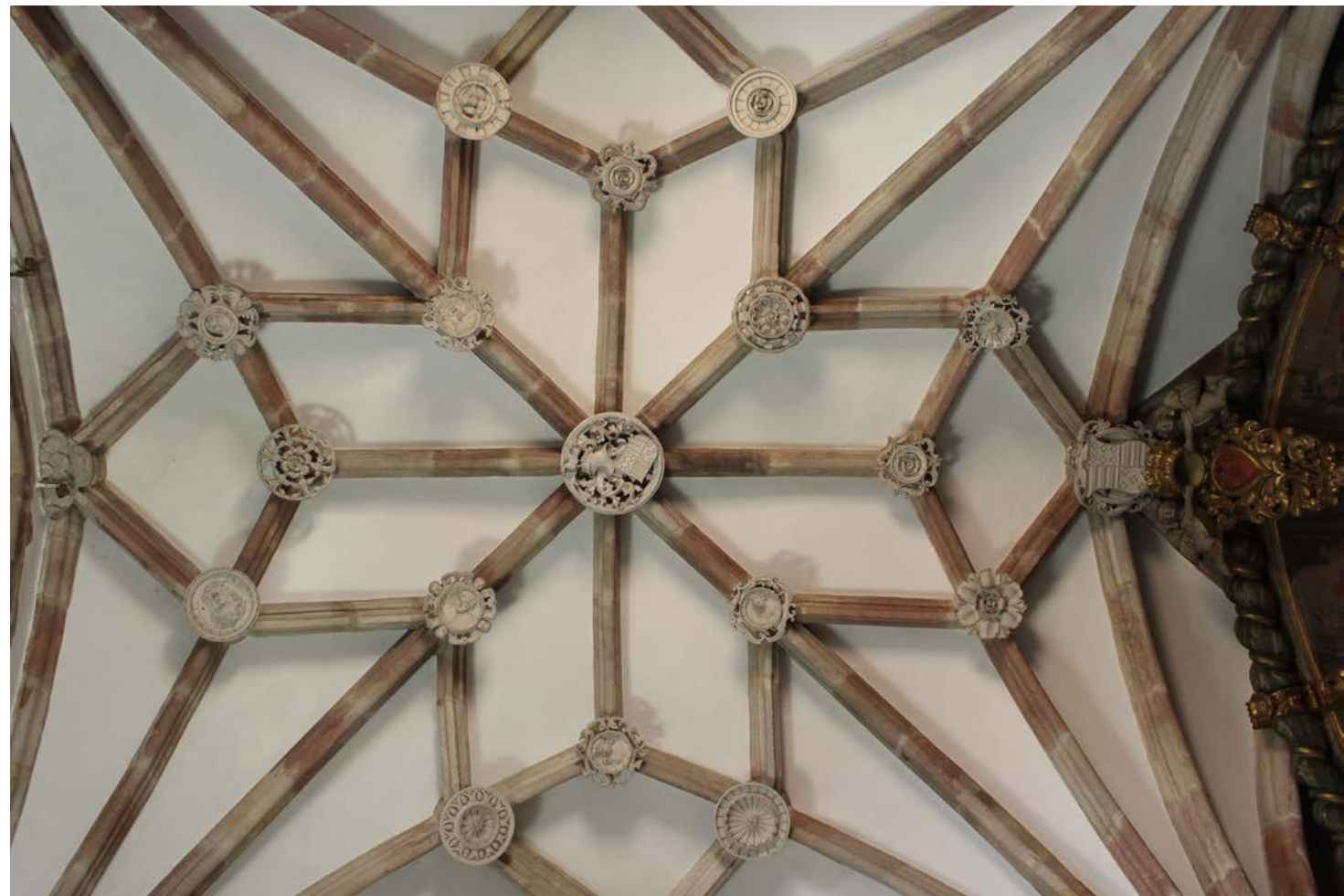


Fig. 2 [em cima] - Abóbada da capela-mor da igreja matriz de Góis (c. 1529-1531).



Fig. 3 [em baixo] - Abóbada do coro-alto do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (c. 1531).



Fig. 4 [em cima] - Chave de abóbada na igreja matriz de Góis (c. 1529-1531).

Fig. 5 [à direita] - Chave de abóbada no coro-alto do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (c. 1531).



A preocupação de D. Luís da Silveira em que tudo se faça com a melhor qualidade técnica e com os melhores materiais disponíveis mostra a sua atenção no capítulo da ordenação formal, ao encontro das grandes linhas do pensamento humanista em Portugal. Esta disposição está bem patente na escultura decorativa que orna o túmulo, apresentando grande inventividade e capacidade de imprimir volume às formas, muitas delas extraídas da gravura e com origens nos grotescos romanos ou em motivos lombardos (Figuras 6 a 8). As duas figuras que ladeiam a janela e seguram as cornucópias da abundância, possivelmente numa alusão ao triunfo sobre a morte, destacam-se pelo hibridismo e pelas grandes dimensões (Figura 9) - o que as deixa praticamente sem paralelos no panorama escultórico português. Por sua vez, os tondi, particularmente a figura masculina, revelam um grande rigor anatómico e capacidade de esculpir "ao romano" (Figura 10).



Fig. 6 - Elementos decorativos (1531).



Fig. 7- Two bound male figures with plant stems issuing from their mouths (c. 1535). © Victoria and Albert Museum, London.



Fig. 8 - Elementos decorativos (1531).





As duas figuras que ladeiam a janela e seguram as cornucópias da abundância, possivelmente numa alusão ao triunfo sobre a morte, destacam-se pelo hibridismo e pelas grandes dimensões - o que as deixa praticamente sem paralelos no panorama escultórico português.

Fig. 9 - Figuras híbrida (1531).



O cenário mais plausível para o monumento de Góis recai numa eventual parceria entre Diogo de Castilho e João de Ruão (em discussão historiográfica não ainda fechada), ficando o último responsável pela componente escultórica, incluindo o acompanhamento da execução do túmulo. Esta hipótese ganha particular sentido quando observado o relevo da Assunção da Virgem, para isso bastando compará-lo com a escultura da Virgem realizada para a fachada do Mosteiro de Santa Cruz, sensivelmente pela mesma data (Figuras 11 e 12). Porém, os anjos músicos (Figura 13) não possuem a mesma qualidade que os do Mosteiro de Celas (actualmente expostos no Museu Nacional Machado de Castro), evidenciando que a obra de Góis foi realizada a várias mãos. Aliás, esta divisão do trabalho consiste numa prática recorrente, ainda mais em obras com uma

dimensão considerável. Como tal, permanece por esclarecer a extensão da intervenção ruanesca - provavelmente tendo realizado o relevo da Virgem e a escultura orante de D. Luís e apenas coordenado o restante - e ainda a forma como a obra foi construída: directamente em Góis ou em Coimbra e depois transportada para o local definitivo.

Apesar das pistas fornecidas pela decoração escultórica, apenas o surgimento de nova documentação poderá fechar a questão autoral, tanto para este caso como para muitos outros associados a João de Ruão.



Fig. 11 - Relevo da Assunção da Virgem (1531).



Fig. 12 - Escultura da Virgem da fachada do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (c. 1530).



Fig. 13 - Anjo músico (1531).

